

# O PROCESSO DE LETRAMENTO DE ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

*Data de aceite: 03/04/2023*

**Aline Karina Queiroz Faustinelli  
Damasceno**

Universidade do Estado de Mato Grosso  
– UNEMAT  
Sinop – Mato Grosso/MT  
<http://lattes.cnpq.br/8840140029634919>

**Ademilde Aparecida Gabriel Kato**

Universidade do Estado de Mato Grosso  
– UNEMAT  
Sinop – Mato Grosso/MT  
<http://lattes.cnpq.br/7712652978250092>

**Elisângela Dias Brugnera**

Universidade do Estado de Mato Grosso  
– UNEMAT  
Sinop – Mato Grosso/MT  
<http://lattes.cnpq.br/0730600349059222>

**Maria Angélica Dornelles Dias**

Universidade do Estado de Mato Grosso  
– UNEMAT  
Sinop – Mato Grosso/MT  
<http://lattes.cnpq.br/9773111188155719>

Tem implante coclear que potencializa sua capacidade auditiva. Mas apesar do aparelho, este aluno tem dificuldades para ouvir e discriminar determinados sons, habilidades necessárias para a aprendizagem da leitura e da escrita. Com objetivo de identificar qual método é o mais adequado para alfabetizar e letrar aluno com deficiência auditiva, com condições de desenvolver e usar a linguagem oral para funções comunicativas. As participantes desta pesquisa foram a Mãe da criança, a Fonoaudióloga e uma Psicopedagoga que trabalha com o mesmo. Os dados coletados e autores estudados, apontam que o Método Fonovísuoarticulatório conhecido por “Boquinhas”, é o mais eficaz para a alfabetização deste aluno, por ser mais adequado às necessidades específicas de audição e oralidade do sujeito com implante coclear e ou com perda auditiva, que não caracteriza uma surdez. Portanto, a escola tem maior dificuldade em trabalhar com aluno que tem perda auditiva, do que com o surdo que usa LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), o qual conta com intérprete e outros apoios. Enquanto que o aluno com deficiência auditiva, oralizado, não tem atendimento diferenciado nem adaptação na metodologia de ensino. Isso compromete

**RESUMO:** Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, sua metodologia é o estudo de caso que estuda a escolarização de um aluno com 9 anos de idade, com perda auditiva, oralizado, não usuário de Língua Brasileira de Sinais -LIBRAS.

não só na sua aprendizagem como também, sua inclusão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Letramento. Deficiência Auditiva. Fonovisuoarticulatório.

## THE LITERACY PROCESS OF STUDENTS WITH HEARING DISABILITIES

**ABSTRACT:** This research is characterized as qualitative, its methodology is the case study that studies the schooling of a student with 9 years old, with hearing loss, oralized, non-user of Brazilian Sign Language - LIBRAS. He has a cochlear implant that enhances his hearing ability. But despite the device, this student has difficulty hearing and discriminating certain sounds, skills necessary for learning to read and write. With the objective of identifying which method is the most adequate to alphabetize and write a student with hearing impairment, with conditions to develop and use oral language for communicative functions. The participants of this research were the mother of the child, the Speech Therapist and a Psychopedagogue who works with him. The collected data and studied authors point out that the Phonovisual-articulatory Method known as “Mouths”, is the most effective for the literacy of this student, as it is more adequate to the specific needs of hearing and orality of the subject with cochlear implant and/or with hearing loss, which does not characterize deafness. Therefore, the school has greater difficulty working with students who have hearing loss than with deaf students who use LIBRAS (Brazilian Sign Language), who have an interpreter and other support. While the student with hearing impairment, oralized, does not have differentiated service or adaptation in the teaching methodology. This compromises not only their learning but also their inclusion.

**KEYWORDS:** Literacy. literacy. Hearing deficiency. Phonovisual-articulatory.

## INTRODUÇÃO

A inclusão de aluno com deficiência auditiva quer seja surdo usuário da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ou com perdas auditivas que permitem desenvolver a linguagem oral, causam preocupação aos sistemas de ensino, aos professores e familiares, uma vez que os mesmos necessitam de metodologias apropriadas que atendam suas necessidades educacionais especiais e, especialmente, sua particularidade, pois a deficiência auditiva afeta as pessoas de forma distinta, com implicações e possibilidades diferenciadas. O processo de ensino e aprendizagem de cada pessoa requer atenção e ações pedagógicas que potencializem o seu aprender.

A deficiência auditiva é classificada de acordo com a perda da acuidade auditiva, são considerados surdos aqueles cuja audição só os permite ouvir a partir de um som de 90 decibéis, conseqüentemente, impedidos de falar, tem como meio de comunicação a Língua de Sinais, enquanto que os demais, apresentam capacidade de audição diferenciada com maior ou menor capacidade, mas são oralizados, se comunicam através da linguagem oral, fazem leitura labial, e conseguem usá-la como suporte para aprender a ler e a escrever. Entretanto, dado as suas dificuldades de discriminação auditiva, percepção de letras e sílabas com sons semelhantes, necessitam de métodos oralizados especializados,

estratégias e técnicas pedagógicas específicas para desenvolver a consciência fonológica e facilitar a aprendizagem.

Parece haver uma grande preocupação como o aluno surdo, amparado por leis, que asseguram sua alfabetização em LIBRAS, considerada como sua língua materna, conta com o apoio do intérprete em sala de aula, tem atendimento em sala de recursos com professor especializado para suprir suas necessidades, o que facilita sua aprendizagem e escolarização, ainda que esteja longe do ideal de inclusão.

Enquanto que, a escolarização do aluno com perda auditiva, oralizado, é dificultada por suas dificuldades de discriminação auditiva, não recebe a devida atenção ou preocupação da escola e professor por desconhecimento de qual ou quais métodos seriam mais eficazes para desenvolver habilidades de leitura e escrita e, também promover sua aprendizagem e inclusão.

Diante do exposto, os estudos voltados para alfabetização de alunos com deficiência auditiva e com habilidades de se expressar oralmente são pouco discutidos, além da falta da identificação de suas dificuldades e de metodologias de ensino que potencializam sua aprendizagem. Esta lacuna, inspirou a realização desse Estudo de Caso, de um aluno com esta condição, a fim de que seja possível analisar possíveis métodos indicados para sua aprendizagem. Ou seja, a partir de um caso real, possibilita auxiliar professores e demais interessados em problemas educacionais.

## **METODOLOGIA DA PESQUISA**

Este trabalho se insere na Pesquisa Qualitativa que abarca inúmeros estudos e, é identificada por um conjunto de características como, os dados são coletados no ambiente natural do fenômeno estudado, valoriza o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, tem caráter descritivo, enfoque indutivo e, o pesquisador é fundamental. Este tipo de pesquisa busca traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e prática (GODOY,1995a).

Conforme Godoy (1995a) a pesquisa se enquadra como um de estudo de caso. O objeto do estudo de caso, é a análise profunda de uma unidade de estudo, pois por meio desta abordagem pretendemos verificar qual o método de alfabetização é mais eficaz para alunos com perda auditiva, oralizados não usuário da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

O sujeito deste estudo de caso é um menino de nove anos que chamaremos de I.S., diagnosticado com deficiência auditiva bilateral, perda auditiva mista, de grau leve no ouvido esquerdo e perda auditiva severa no ouvido direito conforme laudo fonoaudiológico e avaliação audiométrica. Após o diagnóstico, passou por uma cirurgia para o implante coclear no lado direito, na data de 08/06/2019 com idade de seis anos e sete meses. Hoje com uso de Implante Coclear e acompanhamento por médicos e fonoaudiólogo, usa a linguagem oral para se comunicar não recorrendo a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS),

por orientação destes profissionais e decisão da família por acreditar que I.S pode progredir no desenvolvimento da oralidade.

Os participantes da pesquisa são a mãe de I.S, a Fonoaudióloga, que o atende em seu consultório particular, há dois anos, a Psicopedagoga que trabalha com este aluno há três anos em uma clínica de reabilitação. Esta profissional dá suporte e instruções para a mediadora pedagógica que o atende em seu domicílio, na realização de sua ação pedagógica. Os dados foram coletados através de entrevista gravada realizada com as participantes, orientada por um roteiro de perguntas semiestruturadas. As entrevistas foram transcritas e os depoimentos foram fielmente registrados. As entrevistas ocorreram após o contato e horário marcado, com a Mãe e foi realizada em seu domicílio, com a psicopedagoga e a fonoaudióloga, foi realizada em seus ambientes de trabalho.

## **ANÁLISES E DISCUSSÕES**

### **Relato da Mãe:**

O filho nasceu de parto cesáreo, prematuro de vinte e oito semanas, devido a problemas de saúde da mãe, diagnosticado no início da gestação, fez uso de Heparina até o sétimo mês de gestação. Também sendo diagnosticada como portadora da síndrome de Hellp, causando pré eclampsia e o parto prematuro. A criança ficou trinta e sete dias na UTI Neonatal. O teste do pezinho no recém-nascido, não apresentou nenhuma alteração, e o teste da orelhinha constou normalidade em sua audição.

A mãe relata que quando bebê I.S. não respondia aos estímulos sonoros como as crianças da idade dele, “ele não falava, emitia alguns sons, mas não repetia aos nossos estímulos como: mamãe, papai”. Mas o desenvolvimento cognitivo era bom, demonstrando inteligência e capacidade de compreensão e as coordenações motoras fina e grossa. “O desenvolvimento social foi mais demorado por conta da falta de audição”.

Segundo a mãe criança ingressou na escola “aos três anos de idade”, mas, “a escola não observou anormalidades”. Os pais perceberam alterações no comportamento e linguagem do filho aos quatro anos de idade.

Conforme informação da mãe: “aos três anos de idade”, o filho recebeu diagnóstico de autismo, pois os exames audiométricos diziam que sua audição era normal e, baseado nestes exames o Neuropsiquiatra, chegou-se à conclusão de que I.S. tinha Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir deste diagnóstico o filho começou a tomar medicamentos para autismo e ser acompanhado por fonoaudióloga e neuropsicóloga por um ano. Porém, os pais buscaram avaliação de outros profissionais em outros estados do Brasil e foi constatado que o filho não era autista, tinha perda auditiva, passou então, receber tratamento específico para seu problema. “Aos seis anos ele fez uma cirurgia de implante coclear”. Após o implante da criança a família observou que o filho apresentou progresso em seu desenvolvimento.

Mesmo com o implante do aparelho, ele tem um pouco de dificuldade na fala, prejuízo causado pela demora no diagnóstico e tratamento, embora ele escute, sabemos que o processo da fala vai ser um pouco demorado. Usa pouco a oralidade. Tem dificuldades na fala porque ele não consegue processar as informações que o cérebro recebe; e na escrita ele consegue escrever, mas, muitas vezes ele não tem entendimento do significado daquilo que ele está escrevendo (CIC Mae).

Devido à demora do diagnóstico e consequentemente do tratamento necessário para a criança que tem perdas auditivas, à prejuízos na oralidade, escuta e aprendizado.

Segundo a mãe, a perda auditiva traz implicações para a linguagem, o filho tinha muita dificuldade para processar as informações recebidas. Tinha muita dificuldade para aprender na escola, mas depois do implante coclear, ele escreve muito bem, tem um pouco de entendimento e processamento da fala.

A maneira como o paciente vai escutar os sons depende de vários fatores, como o tempo de que ele ficou sem ouvir, as causas da surdez, a estratégia de estimulação usada e quantidade de eletrodos implantados. É uma experiência bastante individual.

O implante coclear permite que a pessoa implantada volte a ouvir sons, mas certamente não se trata de uma audição normal. Alguns pacientes implantados conseguem até falar ao telefone, já outros percebem apenas os sons sem conseguir compreender a fala. Pessoas que ouviam normalmente e vieram a perder a audição, dizem que o som proporcionado pelo implante coclear é um tanto robótico, metálico, mas é sem dúvida uma alternativa importante para quem tem surdez profunda. (IMPLANTE, 2015)

A mãe ressalta que apesar do filho entrar na escola aos três anos, apresentou dificuldades na aprendizagem, não acompanhava seus pares, mesmo com o uso de aparelho auditivo, pois não capta os sons com perfeição, devido aos ruídos e agudos. O filho reprovou duas vezes no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola privada, não tinha ajuda nem atendimento complementar de Sala de Recursos.

Não tem inclusão, o colégio usa o método normal deles, mesmo sabendo da dificuldade no processamento de informações, então, eles não conseguiram adaptar o material para ele.

Essa foi uma das maiores queixas feitas por ele, pois devido aos aparelhos auditivos sua audição é sensível aos sons altos e agudos, e por ser um ambiente com muitas crianças é normal que tenha muito desses sons. Então ele tinha dores de cabeça devido esses barulhos, e não conseguia entender o que a professora falava (CIC MAE).

Neste sentido, para que a criança possa aprender ou desenvolver suas atividades pedagógicas, ela precisa de um ambiente adequado, preparado e/ou até mesmo adaptado às necessidades da mesma, e pode ocorrer que mesmo tendo acesso a este ambiente, sons diversos encham o espaço exterior e interior da sala de aula, interferindo na discriminação e identificação dos sons (TORQUATO, 2012).

Conforme afirma a mãe, o processo de alfabetização do filho não ocorreu em

ambiente escolar, devido ao período pandêmico ocasionado pela Covid-19, as aulas eram remotas e ele não conseguia participar devido à dificuldade auditiva. O colégio encaminhou poucas atividades durante os dois anos em que esteve em educação domiciliar, a maior parte das atividades encaminhadas não eram adaptadas para que pudesse compreender. Neste período de ensino remoto, o aluno teve acompanhamento domiciliar de uma Mediadora, quatro vezes por semana por duas horas e meia diárias.

Em setembro de 2019, quando o aluno filho tinha 6 anos e 10 meses, os pais contrataram uma mediadora pedagógica para auxiliar I.S. em casa diariamente, em 2020 essa mediadora passou a acompanhá-lo na escola, com sua ajuda I.S. apresentou significativo progresso em seu desenvolvimento social e na aprendizagem. Conhecendo os números, cores, as letras, seus nomes e sons, por meio do Método Boquinhas, trabalhado em casa pela mediadora, iniciando assim, o desenvolvimento de consciência fonológica.

Eu tenho observado avanços desde quando ele iniciou os procedimentos com as profissionais, e com a assistente que acompanha ele em casa, uma assistente complementar que trabalha em conjunto com as profissionais.

Nós o levamos a sessões de terapias e procuramos colocar ele em interação e inclusão social, treino de futebol, festinhas. Fazemos e faremos tudo que pudermos para ele se incluir socialmente (CIC MAE).

O processo de reabilitação auditiva, não é uma tarefa fácil, pois a mesma requer interdisciplinaridade e afetividade, processo na qual envolve profissionais das diversas áreas da comunicação e familiares (RIBEIRO, 2005).

Carvalho (2007) afirma que o apoio e acompanhamento da família e também psicossocial, é de fundamental importância para o sucesso na aprendizagem do aluno com deficiência auditiva.

Mediante a impossibilidade da escola fazer as adequações necessárias dos conteúdos e, o não atendimento complementar em sala de recursos para trabalhar as necessidades específicas do aluno que tem perda auditiva mas usa a linguagem oral e necessita de uma metodologia adequada para desenvolver a oralidade e consciência fonológica e o exercício da leitura e escrita, a família achou melhor o filho não retornar à escola após a pandemia, e, receber atendimento semanalmente da mediadora pedagógica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), no Capítulo III, art. 4º, inciso III, diz que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

O capítulo 5 da LDB 9.394/96 trata sobre os aspectos referentes à Educação Especial. Entre os pontos especificados, o art. 58. § 1º diz que, sempre que for necessário, haverá serviços de apoio especializado para atender às necessidades peculiares de cada aluno portador de necessidades especiais. Os sistemas de ensino devem oferecer sala de recursos, incluindo as escolas privadas.

A seguir, apresentaremos as discussões e considerações feitas pela fonoaudióloga que trabalha com IS, sobre as implicações que a deficiência auditiva traz ao processo de alfabetização, as dificuldades e implicações causadas pela deficiência auditiva.

**Relato da Fonoaudióloga:** A profissional enfatiza que a perda auditiva traz dificuldades para discriminar os sons e dificuldades na fala, essas inabilidades implicam de forma desfavorável em todo processo de alfabetização, já que esse é um processo que se sustenta na capacidade de ouvir e discriminar sons semelhantes, como também, associar letras, identificar e distinguir sons, apresentando a condição chamada de consciência fonológica.

A audição é um dos sentidos fundamentais do desenvolvimento humano, possibilitando ao indivíduo o acesso a comunicação, a identificação precoce de uma perda auditiva é de fundamental importância para a reabilitação da fala, da linguagem e das funções cognitivas durante a idade escolar. Quando a criança tem dificuldade auditiva não está exposta totalmente à língua, o que prejudica a assimilação das regras desta língua materna e interfere na organização do pensamento, pois nós utilizamos da linguagem para transmitir ideias e códigos (CIC FONO).

Conforme considerações da fonoaudióloga, a aprendizagem da leitura e escrita se dá por meio de códigos da língua materna, tanto o surdo quanto o ouvinte precisam se sustentar em sua língua materna para aprender a ler e escrever e, quando o acesso à esta língua sofre bloqueio ou impedimento, esta aprendizagem ficará muito prejudicada, assim as dificuldades serão maiores ou menores conforme a condição individual de cada aprendiz.

De acordo com Ferreira e Teberosky (1986), o aluno ouvinte, em processo de alfabetização, baseia-se no som das palavras para poder escrevê-las, passando por etapas durante o processo de aquisição da escrita. A alfabetização é caracterizada em quatro grandes níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Quando se trata do aluno surdo, esse processo é diferenciado porque ele não tem a palavra falada para se apoiar.

As maiores dificuldades de escrita dos surdos podem ser demonstradas por dificuldades com o léxico, falta de consciência dos processos de formação de palavras, desconhecimento da contração de preposição com o artigo; uso inadequado dos verbos em suas conjugações, tempos e modos, uso inadequado das preposições, omissão de conectivos em geral e de verbos de ligação, colocação inadequada do advérbio na frase, falta de domínio, uso restrito de outras estruturas de subordinação e além das dificuldades já mencionadas anteriormente identificados importantes problemas relativos a aspectos de coesão textual (CIC FONO).

O processo de aprendizagem da leitura ocorre em dupla rota o indireto, que envolve a mediação fonológica (rota fonológica) e o direto que envolve o visual (rota lexical). A leitura pela rota fonológica depende do conhecimento das regras de conversão entre grafema e fonema, para que a construção da pronúncia da palavra possa ser efetuada. A

leitura pela rota lexical depende do conhecimento prévio de uma palavra, de memorização no sistema de reconhecimento visual de palavras, da recuperação de significados e da pronúncia dessas por meio de endereçamento direto ao léxico (CAPELLINI; CUETOS; OLIVEIRA, 2012).

A fonoaudióloga, afirma que o atraso no diagnóstico da perda auditiva acarretou prejuízos na aprendizagem, pois sabemos que as através da audição que a criança desenvolve as habilidades de linguagem e comunicação, descobre o mundo, forma conceitos e constrói sentidos das coisas e, posteriormente a escrita.

Ocorreu atraso no desenvolvimento de habilidades orais e cognitivas, o que está sendo resgato no momento pois ele possui a capacidade da linguagem oral. A restrição escolar da pandemia aumentou os prejuízos, pois o aluno deixou de frequentar a escola e, não retornou até o momento, isto leva o aluno a não vivenciar as diferenças, a interagir e criar suas próprias vivências e resoluções de problemas, além de aprender e seguir com conteúdo educacionais diversos (CIC FONONO).

Referente aos atrasos ocasionados pela deficiência auditiva, é perceptível retrocessos nas áreas frontais dos hemisférios esquerdo e direito, circunstâncias que na maioria dos casos a linguagem transforma-se num processo emocional, que pode influenciar no comportamento do deficiente auditivo em sua reabilitação, tornando-o hiperativo, impulsivo, egocêntrico e desorganizado (SANTANA, 2007).

O fonoaudiólogo tem papel muito importante no processo de aprendizagem do aluno surdo, pois pode dar orientações valiosas sobre metodologia de ensino adequadas a condição do aluno e, que podem dar bons resultados.

Os pais contrataram uma mediadora que passou a atendê-lo em casa no período pandêmico e prossegue até os dias atuais fora do ambiente escolar, damos a esta, instruções profissionais. Orientamos que trabalhasse com o Fonovisuoarticulatório, que trouxe resultados expressivos no processo de alfabetização de I.S. (CIC FONONO).

O Método Fonovisuoarticulatório, conhecido por Método das Boquinhas, utiliza-se das estratégias fônicas (fonema/som), visuais (grafema/letra), e articulatórias (artícuema/Boquinhas). É um método utilizado para descrever, apresentar, formular a alfabetização de forma sistemática, sequencial e temporal. Se constituindo como o mais recomendado por seus resultados com aluno com perda auditiva.

Conforme Share, (1995) o método fônico proporciona ao sujeito habilidades e conhecimentos autogerativos de decodificação fonológica, possibilitando o autoensino. Após o domínio de capacidades de decodificações básicas, o sujeito é detentor dos requisitos necessários para leitura, alcançando a fluência e o automatismo, necessários para os processos de alfabetização.

O processo de alfabetização de I.S. se pautou na utilização de imagens, representações gráficas, desenhos das boquinhas, na articulação de diferentes fonemas,



para uma melhor compreensão das famílias alfabéticas e sua composição. Através do método fônico foi possível introduzir categorias e ampliar as redes semânticas.

Corroborando com Capovilla, (2007) o trabalho pedagógico para a alfabetização deste aluno se deu em estágios, identificados pelas fases logográficas, alfabética e ortográfica, pretendendo promover um nível aceitável de entendimento seja qual for o grau de perda auditiva, leve, grave, severa ou profunda.

Segundo a fonoaudióloga, considera que I.S. está alfabetizado, conhece palavras, porém, precisa prosseguir para a ampliação dos conhecimentos, assim como o desenvolvimento de habilidades, competência de leitura, escrita e compreensão.

**Relato da Psicopedagoga:** Apresentaremos as considerações da psicopedagoga que dá atendimento clínico ao aluno a qual também dá orientações à mediadora, sobre a melhor forma de trabalhar com este aluno com perda auditiva. Esta profissional orienta a mediadora para que use algumas estratégias fundamentais para trabalhar com aluno com deficiência auditiva.

Algumas recomendações são, chamar sua atenção antes de falar, falar pausadamente, articular bem as palavras para que faça leitura labial, se posicionar de frente e a altura dos olhos do aluno. Observar se o aluno ouviu e compreendeu as palavras do comando. Se necessário reformular a frase, para facilitar o entendimento. Fornecer pistas visuais dos fonemas. Não esquecer que a linguagem escrita deve ser contextualizada, pois o processo de letramento está no mundo das significações. Atentar para que não haja ruídos no ambiente, é também, de suma importância fornecer ao aluno recursos e materiais alternativos ao utilizar recursos sonoros como áudios e vídeos.

Para a psicopedagoga, no curto período em que I.S. frequentou a escola não se teve grande proveito em relação ao aprendizado, devido aos vários ruídos que tem em uma sala de aula.

A criança que faz uso de implante coclear certamente terá dificuldades na discriminação das falas de alunos e professores, utilizando da leitura labial, então é necessária atenção intensa ao professor, o que é muito difícil quando existe distrações. E estamos falando de uma criança que está em processo de aprendizado na escuta, além da fala, leitura e escrita. O que torna ainda mais delicado o processo da alfabetização em sala de aula (CIC PSICOPEDAGOGA).

Para a efetivação da inclusão escolar com garantia de participação e aprendizagem de todos, se faz necessário conhecer as dificuldades dos alunos e quais metodologias de ensino são mais eficazes para a especificidade do aluno com a capacidade de audição reduzida.

A escola adota material didático apostilado, uma metodologia própria padrão e, alega não ser possível flexibilização. Este foi adquirido pelos pais, porém o aluno necessita de adaptações para ter acesso aos conteúdos e atividades facilitadoras para o processo de alfabetização (CIC PSICOPEDAGOGA).

Santos (2001), alerta para o fato de que muitos acreditam na ideia de que a inclusão é apenas a prática de colocar pessoas com deficiência juntas com outras não deficientes numa mesma escola. A inclusão não pode ser confundida como ter a presença física do aluno na sala de aula. É necessário que a escola tenha condições de oferecer os métodos, técnicas, recursos educativos para atender às especificidades do aluno deficiente, bem como, professores com especialização adequada, capacitados para a integração desses alunos.

É de suma importância que a escolarização de um aluno com deficiência auditiva seja acompanhada pela família. A relação entre responsáveis e professor facilita o processo e potencializa a aprendizagem. Igualmente importante é a relação dos profissionais que atendem o aluno com a escola, pois as orientações dos mesmos são fundamentais.

Tivemos reuniões com os pais, com a professora de sala, a orientadora do colégio, a fim de oferecer educação inclusiva para o aluno, disponibilizando materiais adaptados. Mas não obtivemos resultados positivos como ficou combinado durante as reuniões, já que a escola não disponibilizou os materiais adaptados (CIC PSICOPEDAGOGA).

Rijo (2009) ressalta que a participação da família é de suma importância no movimento da inclusão. Seja de forma individualizada ou por meio de organizações, é fundamental a participação da família para dar continuidade a histórica da luta por sociedades mais justas.

A psicopedagoga considera que I.S. se encontra na fase de aprendizagem lexical, ou seja, descobrindo o significado das palavras, já está alfabetizado, mas ainda não estrutura um texto, mesmo que simples sem auxílio. Tem ótima compreensão, portanto está sistematizando a língua materna, aprendendo os fonemas, a conscientização fonológica e a escrita com significado.

Ele sabe ler e escrever. Sua maior dificuldade está em sua escuta, mesmo que ele tenha o implante coclear e esteja na condição de ouvinte, ainda existe a dificuldade no processamento dos sons. O que dificulta de forma direta na escrita (CIC PSICOPEDAGOGA).

Segundo Magda Soares (2013), a alfabetização é um processo no qual o aluno assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação.

Como já mencionado, a audição é muito importante para o ser humano, especialmente durante o processo de alfabetização. É preciso ter consciência fonológica e esta é diretamente relacionada à audição. Neste caso, o aluno escuta por meios de aparelhos auditivos, com algumas interferências de sons, ocasionando prejuízos, pois o implante coclear ocorreu somente na idade de seis anos.

Com base no estudo de caso deste aluno com perda auditiva, conclui-se que o Método “Boquinhos” se mostra o mais adequado, pois o mesmo faz uma combinação assertiva de sons, fonemas, imagens, vídeos. Esta associação facilita a compreensão do som e sua articulação.

A alfabetização da criança deficiente auditiva, ouvinte, porém, através de aparelho auditivo e implante coclear, é um processo permeado por muitas dificuldades, desde o ambiente em que esse processo acontece, devido aos sons, ruídos internos e externos, bem como, a falta de preparo para que seja possível a inclusão desta criança no ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que há grande interesse e maior ênfase em se discutir a aprendizagem do aluno surdo usuário da Língua de Sinais (LIBRAS), enquanto que, poucos estudos se voltam a alunos com audição reduzida e oralizados. Entretanto, é significativo o número de crianças com esta condição nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os quais necessitam de metodologia diferenciada que atenda sua necessidade específica.

Conforme os resultados obtidos nesta pesquisa, percebe-se o quanto é necessário na formação inicial do professor que ele conheça todos os métodos de alfabetização, para poder avaliar qual o mais adequado para a condição individual de cada aluno, principalmente o que tem deficiência auditiva, mas, devido à sua capacidade auditiva pode e deve desenvolver a linguagem oral.

Com o desenvolvimento da tecnologia cada dia mais sofisticada, o número de alunos com deficiência auditiva será cada vez maior, farão uso de aparelhos amplificadores de som e ou implantes cocleares, devendo a escola e seus professores adotarem os métodos mais apropriados às especificidades dos alunos.

Além de métodos mais adequados, o ambiente da sala de aula também precisa ser considerado, com redução de ruídos, menor número de alunos, pois, barulho externo e interno interfere de forma incisiva no uso da capacidade auditiva e conseqüentemente, aprendizagem do aluno implantado ou usuário de aparelhos amplificadores.

O método fonovísuoarticulatório chamado de “Boquinhos” se mostrou o mais eficaz para a alfabetização e desenvolvimento de habilidades e competências de leitura e escrita, do aluno sujeito deste estudo de caso, pois possibilita desenvolver a consciência fonológica e a percepção de sons na formação de sílabas e palavras e chegar a leitura e escrita.

Considerando que a perda auditiva se apresenta de forma diferenciada e própria em cada pessoa, é importante que se desenvolvam estudos sobre a aprendizagem dos alunos com deficiência auditiva oralizados não usuários de LIBRAS.

Conhecer as implicações da perda auditiva e metodologias de ensino, traz grande contribuição a professores atuantes, professores em formação, família e, também, profissionais como fonoaudiólogo e outros.

Não basta a adoção de metodologias eficazes para aluno com perda auditiva, é necessário que a escola ofereça a este aluno os sérvios de educação especial que este tem direito, como sala de recursos e atendimento de professor especializado para complementar

o trabalho de sala de aula. O cumprimento da legislação é dever de todos os sistemas de ensino público igualmente para a rede privada.

As escolas inclusivas são espaços de construção da individualidade, são nelas que os alunos aprendem a valorizar as diferenças através da convivência com seus colegas de características diferentes.

Espera-se com este trabalho, promover discussões referentes à educação de deficientes auditivos, ouvintes e oralizados, principalmente inseridos em escolas comuns para uma educação inclusiva, que respeite a diversidade, respeite as diferenças e as diversas formas de linguagens e comunicação.

## REFERÊNCIAS

- CAPELLINI, Simone Aparecida; CUETOS, Fernando; OLIVEIRA, Adriana Marques de. **PROLEC - Provas de Avaliação dos processos de leitura**: Manual. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- CARVALHO, R.E. **Educação Inclusiva**: Com os Pingos nos "is". Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. Disponível em: [www.googlebooks.com.br](http://www.googlebooks.com.br) Acesso em: 20 de nov. De 2022.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995a, p. 57-63. Pesquisa qualitativa.- tipos fundamentais, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.3, Mai./Jun. 1995b, p. 20-29.
- IMPLANTE **Coclear: O que é? Como funciona?**. Direito de Ouvir, 2015. Disponível em: <https://www.direitodeouvir.com.br/blog/implante-coclear#:~:text=O%20implante%20coclear%20permite%20que,sem%20conseguir%20compreender%20a%20fala> Acesso em: 24 nov. 2022.
- LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.
- RIBEIRO, S. **Grupo de acompanhantes de pacientes com implante coclear**: uma ação interdisciplinar da psicologia e do serviço social. Rev. SPAGESP v.6 n.1 Ribeirão Preto jun. 2005.
- SANTANA, A. **Surdez e linguagem**: Aspectos e implicações neolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.
- SHARE D. L. **Phonological Recoding and Self-Teaching**: sine qua non of reading acquisition. Cognition. 1995;55:151-218.
- TORQUATO, Rebecca Jucksch. **A Alteração do Processamento Auditivo e a Relação com a Dificuldade de Aprendizagem da Escrita**. 2012. 45f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Tuiuti do Paraná, 2012.